

## ***Plata quemada*: metáfora da Argentina em crise?**

**Isis Milreu (UNESP-Assis)**

*Plata quemada* foi publicado em 1997 e recebeu o prêmio Planeta de melhor romance do ano. Em 2000, o romance motivou um filme homônimo dirigido por Marcelo Piñeyro. É a narrativa mais conhecida de Ricardo Piglia e, paradoxalmente, a menos estudada. Há várias hipóteses para esse fato. Primeiramente, pensamos na polêmica que houve em relação ao prêmio que a obra recebeu, já que um escritor se sentiu prejudicado e processou Piglia e a editora Planeta. Os dois foram condenados e recorreram à Suprema Corte. Em segundo lugar, *Plata quemada* é visto, por alguns críticos, como um romance policial e fora do estilo das outras narrativas do autor. Entretanto, é possível pensarmos, ainda, em outra possibilidade para essa paradoxal situação: a desconstrução de mitos identitários, visto que nesse romance são dessacralizados o peronismo, o *Gaucha*, o tango e as instituições argentinas.

Refletindo sobre a polêmica da premiação de *Plata quemada*, lembramos que há vários casos parecidos na história da literatura. A rivalidade entre escritores é algo que sempre existiu. Entretanto, essa não é a única disputa judicial que Piglia enfrentou com o seu romance. Ele também foi processado por Blanca Galeano, a qual serviu de referência para uma das personagens da narrativa. No processo, Blanca alegou que a sua intimidade foi violada. Ela teve problemas com seu filho mais velho, por ter lhe escondido sua verdadeira paternidade e, com a publicação do romance, a sua versão foi desmontada. O caso foi arquivado e Piglia teve o seu direito de ficcionalizar a realidade reconhecido como legítimo.

É muito superficial qualificarmos *Plata quemada* apenas como um romance policial. Lendo a narrativa atentamente, percebemos que ela pode ser inserida na

categoria dos romances pós-modernos. Nessa obra encontramos relatos que se interpenetram, narração ora em primeira, ora em terceira pessoa, polifonia, recursos metaficcionalis, ruptura temporal e espacial, bem como uma ampla rede de intertextualidades e discursos, marcas pós-modernistas.

Por sua construção híbrida, é possível lermos *Plata quemada* como um romance policial, um romance-reportagem, um romance-social, uma versão argentina da tragédia grega ou um novo romance histórico, entre outras possibilidades. Apesar de apontarmos algumas classificações para o romance de Piglia, é preciso termos sempre em mente que o mais importante não é catalogar uma obra literária em determinado gênero, mas explorar suas diversas interpretações, principalmente quando estamos diante de uma obra polifacética como essa.

A vasta rede intertextual é mais um exemplo da riqueza poética de *Plata quemada*. Piglia dialoga com Arlt, Borges, Sarmiento, Echeverría, Hernández, Walsh, Dante, Brecht, Capote, McCoy, Hemingway, além de inserir sua própria obra nessa vasta rede intertextual que também contempla elementos da cultura popular. Nesse romance, é possível encontrarmos, ainda, vários discursos, tais como o religioso, político, filosófico, psicológico e musical. Ao utilizar tão ampla rede intertextual, Piglia não só homenageia alguns autores, mas nos obriga a ler a sua obra a partir deles. Dessa forma, Piglia estabelece a sua própria tradição literária.

O discurso pós-moderno também é marcado em *Plata quemada* pela relação entre as personagens históricas e a personagem pigliana Renzi. O autor coloca em cena personagens que representam pessoas que realmente existiram ao mesmo tempo em que joga com o seu próprio universo ficcional através de Renzi, uma vez que a personagem aparece em seus romances e em alguns de seus contos. Com esse jogo, Piglia problematiza a discussão sobre a ficção e a realidade. Através dessa personagem também explicita uma relação dialógica com suas outras obras.

Antes de avançarmos nessa análise, é preciso recuperar alguns elementos do romance. *Plata quemada* recria a história de um grupo de assaltantes que rouba um banco e trai os seus cúmplices (policiais e políticos). Os assaltantes conseguem fugir para o Uruguai, mas acabam encurralados pela polícia. Vendo-se perdidos, queimam o dinheiro que roubaram. Paralelamente a essa história central, há várias narrativas que se interpenetram: experiências com drogas, descrições da vida prisional e manicomial, uma relação amorosa entre os protagonistas Dorda e Nene (dois homens “da pesada”), entre outras.

Entre as múltiplas possibilidades de interpretação, *Plata quemada* pode ser lido como a metáfora da Argentina na época da “República en crisis”, de acordo com José Luís Romero (2000). Muito mais do que o simples assalto a um banco, o autor recupera as características dessa crítica época argentina, desvelando a ilegalidade do sistema legal. É preciso lembrar que o romance representa a década de 60, período no qual a Argentina estava em plena crise de representação democrática. Perón estava exilado e muitos aguardavam o seu retorno. Enquanto isso não ocorria, vários presidentes ocuparam o poder, mas quem realmente controlava o país eram os militares. Apesar da intensa repressão, uma parcela significativa da população argentina reagia.

Podemos dizer que *Plata quemada* critica as instituições argentinas. O Estado é desmascarado através das ações do delegado, visto que essa personagem comanda um esquadrão da morte e usa a tortura como forma de obter informações. Além disso, utiliza metáforas para justificar o assassinato dos assaltantes, pois, para ele, matá-los era apenas “uma operação de limpeza”, já que seus antagonistas eram chamados de “lixo humano”. As prisões e manicômios são desnudados, demonstrando que esses ambientes não são locais de recuperação, mas funcionam apenas como espaço para a repressão e a manutenção do poder. O matrimônio também é questionado, já que a certidão de casamento de Blanca era falsa. O catolicismo

também é colocado em julgamento, uma vez que Dorda foi humilhado em um orfanato dirigido por freiras e não conseguiu ser perdoado por seus atos, apesar de se arrependeu, rezar e implorar por um padre.

Nesse romance também são dessacralizados vários mitos argentinos. Ao colocar como protagonista um homossexual passivo, Piglia desconstrói o mito do *Gaúcho* como símbolo sexual masculino. Em *Plata quemada*, o Gaúcho Dorda tem uma relação amorosa com Nene, mostrando que o desejo circula em vários universos. Ao representar a homossexualidade em um ambiente tão violento como o criminal, o autor rompe com a imagem *standard* da cultura *gay*. O mesmo ocorre com o tango e o peronismo, visto que os dois são questionados no romance através das personagens que os representam. O tango é representado por um cantor fracassado que ajuda os assaltantes, mas depois os entrega para a polícia. No romance, a música nacional perde espaço para o *rock*. O peronismo passa a ser apenas um rótulo e tanto os policiais quanto os assaltantes usam o discurso peronista da maneira que lhes convém. Os policiais tentam colocar a culpa do assalto ao banco nos grupos que lutavam pelo retorno de Perón. Já os assaltantes, quando estão cercados, dizem que são vítimas de perseguição política por serem peronistas. Através dessa desconstrução dos mitos argentinos, coloca-se em xeque a noção da identidade nacional.

A crítica a sociedade argentina ocorre desde o título do romance, formado por um substantivo (*Plata*) e um adjetivo (*quemada*). Partindo dessa perspectiva podemos pensar que o grande tema da obra é o dinheiro, qualificado como destruído, reduzido a cinzas. Refletindo mais amplamente sobre o título do romance, lembramos que *plata* refere-se a um metal, a maneira de falar e também a riqueza, ao dinheiro. Recordamos que *plata* em latim é *argentum* e chegamos, inevitavelmente, à Argentina. Retomando a história desse país, verificamos que ele recebeu esse nome porque os conquistadores espanhóis acreditavam que lá encontrariam prata em abundância, mas

essa hipótese não se confirmou. Dessa forma, torna-se possível pensarmos que *plata* é uma metáfora da Argentina e que ao relacionar-se com o substantivo *quemada* do título, faz referência a um país destruído pela ilusão do dinheiro.

Além do nível referencial, é necessário analisarmos a simbologia do vocábulo *plata* que se relaciona com a lua. A prata é principio passivo, feminino, lunar aquoso, frio. Sua cor é o branco. A palavra *argentum* deriva de um vocábulo sânscrito que significa branco e brilhante. Segundo Chevalier (1982), é um metal ligado à dignidade real, símbolo da pureza, da limpeza da consciência, pureza de intenção, fraqueza, retidão de atos, invoca a fidelidade que de tudo isso resulta. No universo cristão representa a sabedoria divina. Por outro lado, *plata* no plano da ética, simboliza também o objeto de todas as cobiças (o dinheiro), assim como as desgraças por elas provocadas e o aviltamento da consciência: é o seu aspecto negativo, a perversão de seu valor. Essa diversidade de significados também é reproduzida pelos assaltantes, os quais usam diversos termos do lunfardo para referir-se ao dinheiro. Utilizando essa linguagem popular se dessacraliza o grande objeto de desejo do homem.

Em um nível referencial, em espanhol, *plata* quer dizer dinheiro simplesmente, mas no romance, adquire o papel de poder. A aspiração dos assaltantes é conseguir dinheiro para incluírem-se ao mundo social do qual são expulsos. A sua integração dar-se-ia através do poder econômico. Na narrativa, há várias imagens que associam o dinheiro como símbolo de poder e definem sua relação com as personagens desse romance. Os assaltantes querem ter poder através do dinheiro, mas esse poder é ilusório, efêmero. O dinheiro desperta neles a vontade de ter, de fazer parte da sociedade de consumo.

Entretanto, quando são cercados pela polícia, os assaltantes percebem que o dinheiro perdeu o seu valor simbólico de entrada em um mundo que lhes era vedado, resolvem destruí-lo e deixar a sua marca na sociedade, mesmo que seja a da coragem desafiadora e desesperada. Dessa forma, controlam os espectadores

quando esses assistem imóveis ao espetáculo da queima do dinheiro. Os espectadores ficam atônitos, pois o objeto de cobiça dos homens é destruído na frente de todos e não se pode fazer nada. Se pudessem, se lançariam a pegar o dinheiro, mas este virou cinza. Só lhes resta condenar a atitude dos assaltantes e adotar uma postura de falso moralismo. Através dessas opiniões se discute o caráter ético do uso do dinheiro.

Enquanto queimava o dinheiro, Dorda relacionava a sua atitude ao pecado. Dessa maneira, o dinheiro adquire, simbolicamente, o papel de objeto sagrado. Por outro lado, os assaltantes são condenados duramente pelos espectadores. Por destruírem o dinheiro, são comparados a monstros, bestas sem moral, desumanos, cretinos, malvados, cínicos, criminosos e niilistas. Além disso, quase todos interpretaram o seu ato como uma declaração de guerra contra a sociedade. Há até um jornalista que afirma que queimar dinheiro é um ato de canibalismo. Partindo da premissa de que canibalismo é o ato de devorar o seu semelhante, podemos concluir que o dinheiro se humanizou ou que adquiriu uma importância maior que o ser humano. Por isso, a destruição de um objeto de papel adquire dimensões mais profundas. É o ser humano que devora a si próprio, uma vez que todos dependem do dinheiro para sobreviver no capitalismo. No romance também aparece a tese de que o dinheiro é inocente e que seu valor positivo ou negativo depende de quem o utiliza e para quê. Os jornais chegam inclusive a dizer que o ato de destruir o dinheiro era pior do que os crimes que os assaltantes tinham cometido.

Esse ponto de vista nos remete à simbologia do ato dos assaltantes e à ligação que Dorda faz entre pecado e queimar dinheiro. Assim torna-se possível lançarmos algumas hipóteses para a atitude dos assaltantes. Para tanto, não podemos nos esquecer do adjetivo que acompanha o substantivo dinheiro: queimado. É o indicativo do fim. Mas o ato de destruição pelo fogo também representa, simbolicamente, a purificação. O fogo pode ser visto como purificador e regenerador.

A destruição tem um lado positivo porque representa uma nova inversão do símbolo. Pode-se dizer, então, que a atitude dos assaltantes foi a de sacrificar o que há de mais importante em sua sociedade: o dinheiro. Queimando esse grande símbolo da sociedade rompe-se com os valores que ela propaga. Dessa maneira, elimina-se a identidade nacional, a qual precisa ser redescoberta. Os seus mitos identitários já haviam sido atacados e agora se destrói o último traço que ligava o país ao mundo globalizado.

Ao analisarmos as atitudes dos assaltantes e as compararmos com a letra do hino da Argentina, percebemos que há vários pontos de contato entre os dois. Essa música representa o argentino como alguém valente, corajoso e que luta por igualdade e liberdade. Além disso, o hino afirma que se não houver liberdade é preferível morrer. É dessa maneira que os assaltantes se comportam no romance. Buscam igualdade através do roubo, mas não obtém êxito. Como os argentinos que são evocados no hino nacional, os assaltantes decidem morrer a serem presos.

Em *Plata quemada* as identidades deslocam-se constantemente. As personagens principais encontram-se marginalizadas socialmente, o que lhes impossibilita uma relação de identificação com a sua nação, pois não têm o que é primordial para essa sociedade: o dinheiro. Assim, as personagens do romance são ex-cêntricas, visto que vivem à margem. Além disso, um dos protagonistas não pertence ao universo urbano, mas sim ao rural. Mesmo os que são urbanos, não são de *Buenos Aires*, como é o caso do chefe do grupo que veio de Rosário. Apenas Nene é da capital, mas ele renega sua origem. Dessa forma, elas não se identificam com os habitantes da cidade e essa não identificação as leva a cometer o assalto. Estão em busca de sua identidade e tentam realizar o sonho de consumo que é propagado pela sociedade. A sua derrota representa o fracasso dessa ilusão urbana.

Tendo em vista a ambigüidade do título, entre outros elementos, é possível lermos *Plata quemada* como a metáfora da Argentina em crise e até como uma

antecipação da ditadura de 1976. Nesse romance, Piglia transcontextualiza uma crônica policial que pode ser interpretada de diferentes maneiras. Recriando o período histórico da década de 60 na Argentina, através de personagens marginalizadas socialmente, o autor revê a história de seu país sob um olhar descentralizado. A partir dessa perspectiva, denuncia-se a ilegalidade do sistema legal que cometeu atos bárbaros em nome da ordem, ou melhor, dos interesses da pátria.

### **Referências**

CHEVALIER, J. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.

FERNÁNDEZ, N. M. F. *Identidad y ficción*. Tucumán: Magna, 1998.

HUTCHEON, L. *Poética do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

PIGLIA, R. *Plata quemada*. Argentina: Planeta, 1997.

PRIETO, M. *Breve historia de la literatura argentina*. Buenos Aires: Taurus, 2006.

PUJOL, S. *La década rebelde: los años 60 en la Argentina*. Buenos Aires: Emecé, 2002.

ROMERO, J. L. *Breve historia de la Argentina*. Buenos Aires: FCE, 2000.